



A REVITALIZAÇÃO DO CENTRO HISTÓRICO EM CAMPOS DOS GOYTACAZES: ENTRE PRÁTICAS ECONÔMICAS E A HUMANIZAÇÃO DO ESPAÇO

PIMENTEL, Paula

Estudante de mestrado do PPG- Memória Social-UNIRIO

pimentel.paula@hotmail.com

1

RESUMO: A cidade de Campos dos Goytacazes situada no Norte Fluminense do Estado do Rio de Janeiro vem passando por transformações em seu espaço urbano devido ao macro projeto urbano que está atrelado a uma política cultural. Trata-se da revitalização do espaço urbano do centro histórico da cidade aonde a proposta faz parte da criação de uma 'nova economia', já que a indústria petrolífera, hoje, atingiu o seu auge. Nesse sentido, há uma preocupação com o futuro econômico da região e, em consequência, a tentativa de colocar em prática esta 'nova economia' que valoriza o que é local e presente no espaço urbano como pontos turísticos históricos. Desse modo, o ensaio apresenta uma etnografia econômica, e por último, uma discussão sobre o que vem a ser esta 'nova economia' que surge vinculada a relações estratégicas entre atores da esfera política e o empresariado local.

Palavras-chave: memória, espaço, economia.

ABSTRACT: The city of Campos dos Goytacazes in the North Fluminense State of Rio de Janeiro have been undergoing transformations in its urban space due to macro urban project that is linked to a cultural policy. This is the revitalization of the urban space of the historic center of the city where the proposal is part of the creation of a 'new economy', since the oil industry today reached its peak. In this sense, there is concern about the economic future of the region and, consequently, an attempting to put into practice this 'new economy' that values what is local and present in this urban space as historical attractions. Thus, the test shows an economic ethnography and finally a discussion of what comes to be this 'new economy' that appears linked to strategic relationships among actors in the political sphere and the local business community.

Keywords: memory, space, economy.

Entre o global e o local: Práticas Econômicas na Modernidade Periférica

Este ensaio propõe desenvolver uma análise compreensiva do assunto abordado com intuito de incitar uma discussão sobre as práticas econômicas desenvolvidas no município de Campos/RJ. Nota-se uma articulação estratégica de uma política cultural municipal e o comércio local que investem em um discurso aonde se destaca uma memória regional com a intenção de inserção no contexto nacional econômico, o que leva a suscitar o debate entre o local e o global, visto que tais iniciativas, aqui, se encontram atreladas ao grupo dos



empresários. A pergunta que se pretende responder no final deste ensaio é: de que maneira o local, no caso, Campos/RJ, vem desenvolvendo suas práticas econômicas?

Não se pode deixar de fora desta discussão a problemática que esta região vive nos dias atuais. Campos/RJ sempre esteve envolvida na promessa de um desenvolvimento econômico próspero, durante as três primeiras décadas do século XX chegou ao auge com a produção do açúcar e se destacou nacionalmente. Após a falência dos engenhos de açúcar em 1940, no ano de 1978 se iniciou uma nova atividade econômica graças à descoberta do petróleo, e conseqüentemente o ‘boom’ da indústria petrolífera, porém a cidade perdeu sua posição de destaque para a cidade vizinha, Macaé, que passou a vivenciar o crescimento urbano e econômico inesperado.

A economia petrolífera abriu vagas de emprego na área tecnológica e fez alavancar os cursos técnicos profissionalizantes, mas ainda não foi suficiente para que houvesse grandes mudanças tanto sociais quanto infraestruturais da cidade, se tratando de um modelo econômico excludente. A promessa de um milagre desenvolvimentista permaneceu no imaginário local e hoje se resume em frustração por parte dos habitantes que se encontram sem alternativas no mercado de trabalho. A expectativa da população era com a possibilidade da vinda de grandes indústrias, o que não aconteceu.

O território Norte Fluminense passou por uma rápida mudança que afetou toda a região. A importância econômica do Norte Fluminense é reconhecida nacionalmente, porém a economia local aponta para uma estagnação, mesmo contando com o recurso do *royaltie*¹ em sua receita que possibilita o investimento em outros setores da economia. Ao tomar ciência destes fatores fica claro que existe uma articulação de estratégias entre as elites empresariais e as figuras políticas que possibilitam recentes incentivos a uma ‘nova economia’ que será melhor compreendida a diante.

Nos parágrafos acima, foram ilustradas as tensões que se processam no cenário local e global da região estudada, antes de seguir, necessita-se tornar claros os conceitos teóricos aqui utilizados como ferramentas que ajudam a pensar a realidade. O conceito de globalização,

¹ O *Royalty* é um recurso financeiro destinado aos municípios que possuem plataformas marítimas em operação e tem objetivo compensatório já que se trata de um recurso esgotável e de impacto ambiental.



aqui, se refere à “crescente aceleração da concreta interdependência global e da consciência da totalidade global no século XX” (1999:23). Desse modo, é o que vem buscando Campos/RJ, a possibilidade de um novo cenário político econômico que possa se incluir numa era de sociedades globalizadas.

Para que o leitor compreenda o espaço comercial da cidade ilustro com uma etnografia do comércio da parte central da cidade. O setor comercial desde seu início², em 1953, teve suas dificuldades para se desenvolver e suprir a necessidade básica do mercado interno. Com a decadência do setor açucareiro (1970-1980), a atividade comercial se destaca e surge a ideia de solidificar o setor comercial com a criação da câmara de dirigentes lojistas (CDL) que passam a adotar medidas protecionistas, e assim fortalecer o comércio local.

Antes de dar seguimento à temática proposta, ressalto que esta análise está pautada sob uma perspectiva da antropologia econômica na qual Maurice Godelier lembra na obra *Antropología y economía* (1976) a importância da produção de trabalhos antropológicos³ de viés econômico. Há uma passagem que nos interessa aonde Godelier reproduz a fala do etnólogo Raymond Firth⁴ que chama atenção para a necessidade que teve em sua investigação da organização social através do parentesco ao se debruçar sobre a estrutura econômica e, que, o social e o econômico se encontrariam, muitas vezes, indissociáveis:

Después de haber publicado mi análisis de la estructura social, en especial de la estructura de parentesco (en *We, The Tikopia*, Londres, 1936), he analizado la estructura económica de la sociedad porque hay muchas relaciones sociales que se ponían más de manifiesto cuando se analizaba su contenido económico (GODELIER, 1976, 280).

A seguir, apresento uma etnografia como “descrição densa” (Geertz, 1989) do espaço central da cidade de Campos com intuito de registrar não só as práticas econômicas presentes, mas também a organização física que este espaço possui na cidade. Nesse sentido, a etnografia é o exercício de observar as situações da vida social considerando o ponto de vista dos interlocutores, participando e registrando as interações humanas visando à compreensão e interpretação dos simbolismos, conferindo sentido aos significados existentes na cultura.

² Sobre o início da atividade comercial em Campos ver dissertação: *O mapa da migração do capital do setor sucro-alcooleiro para o setor de serviços em Campos dos Goytacazes*. p.101-114.

³ Cf. MALINOWSKI, B. *The Argonauts of Western Pacific* (1922), MAINE Ancient Law (1961), FIRTH R. *Primitive Polynesian Economy* (1939), entre outras.

⁴ Cf. FIRTH, R., Prefácio da segunda edição (1976). *Primitive Polynesian Economy*, pg. XI.



Dessa forma, a observação participante permite a compreensão das experiências vivenciadas e a importância que o lugar tem para os usuários deste espaço.

Uma Etnografia do Centro Histórico em Campos dos Goytacazes

A cidade moderna, em mudança, é, sobretudo, uma praça de comércio e deve sua existência ao mercado ao redor da qual se desenvolve. A competência industrial e a divisão do trabalho, que com toda a probabilidade tem contribuído em grande medida ao desenvolvimento das energias latentes da humanidade, só são possíveis pela existência dos mercados, do dinheiro e de outros meios que facilitam os negócios e o comércio. (PARK, 1999,57)

4

A parte central da cidade de Campos, o chamado ‘centro da cidade’ pelos campistas se caracteriza pelo intenso movimento comercial, o fluxo de carros nas ruas e de pessoas, nas estreitas calçadas. Ao caminhar pelo centro de olhos atentos ao que se passa ao redor encontramos uma cidade viva e pulsante, as calçadas estreitas cheias de gente indo e vindo a todo o momento.

As lojas do centro, em geral são lojas mais populares e de preço acessível, com isso atraem uma determinada classe social, em geral, estão distribuídas nessa área central, e abrem suas portas logo pela manhã, entre oito e nove horas.

É bastante comum ir ao centro para resolver problemas rotineiros da vida social, pela facilidade que existe na concentração de diversos mercados numa mesma área: o mercado municipal, o camelódromo e as ruas aos arredores com seus comércios lojistas, todos fazem parte da área central, porém com diferenças pontuais entre os comerciantes “os camelôs se diferenciam dos demais comerciantes da cidade, no caso, os lojistas, pela situação jurídica de sua ocupação, uma vez que não é o dono de seu espaço de trabalho, que é cedido pelo poder público, no caso, municipal” (2011:37).

Ainda pelo centro da cidade na Avenida Alberto Torres está localizado o terminal de parada obrigatória dos ônibus que circulam pela cidade, de um lado a bela paisagem do rio Paraíba, e do outro lado à cinzenta Praça São Salvador que foi reformada entre 2004 e 2005. Antes da reforma a Praça tinha uma paisagem verde da grama e das árvores, a reforma não



agradou a maioria da população que não se identifica com o novo cartão postal da cidade, cinza, sem sombra e escorregadia em dias chuvosos, a nova repaginada custou 46 milhões e provocou indignação a população. A praça se transformou em lugar de passagem, os habitantes lamentam com sentimento nostálgico do antigo espaço que fazia uso frequente, era um ambiente de sociabilidades e hoje apenas palco para shows gratuitos à noite e passagem de pedestres durante o dia.

Em uma conversa informal com o comerciante Mário⁵, 53 anos, em que me relatou que apesar de terem se passado dez anos, ainda sente saudade da antiga Praça:

Essas obras fizeram do centro uma bagunça, isso tudo pra ganhar as eleições, porque só quem tem o seu comércio no centro sabe os transtornos que passamos, e esta Praça não tem nada a ver com o povo, nem com a cidade. Antigamente víamos a qualquer hora do dia os bancos ocupados, e as árvores dava uma sombra boa. (...) Eu penso também que essa revitalização das ruas, edifícios e estabelecimentos tem a intenção de movimentar mais a economia local, isso é o interesse de algumas pessoas. – Mário.

Ao recordar Mário chama atenção para a falta de humanização dos espaços, a Praça perdeu significado que lhe conferiam, mas isso não significa que não possam surgir novos significados em decorrência das práticas sociais. Seu relato evidencia a estranheza das recentes obras no centro da cidade, e fica a desconfiança da intencionalidade do projeto urbano que traz a modernidade pros espaços, porém tem de conviver com o tradicional. Assim, as identidades culturais vão se definindo através das novas histórias que podem surgir e conseqüentemente serão conferidos novos significados aos lugares.

Ao caminhar pelo centro de Campos, espaço de atração econômica, social e política, observei não só pessoas apressadas, mas a organização física daquele espaço que foi construído por práticas sociais. As lojas estão organizadas lado a lado, a Praça São Salvador, considerada o lugar de referência da cidade, lugar de memória e espaço simbólico.

A igreja do Santíssimo Salvador está localizada em frente à Praça São Salvador, aos domingos de manhã agrega fiéis para assistirem a missa, Ana Lúcia, 48 anos, moradora e

⁵ Com intuito de preservar a identidade dos informantes os nomes foram alterados.



usuária do espaço relata que *“o centro sempre foi visto com maus olhos, pouca pessoa vem pra cá passear a noite, isso fica um deserto, é perigoso”*. Portanto, a utilidade desse espaço é caracterizada pela atividade comercial, a noite há pouca movimentação e dependendo do horário, não há mais ninguém. O Mercado Público acorda cedo, de madrugada para dar início às vendas, é preciso deixar tudo preparado e organizado, os caminhões então descarregam e os feirantes são os primeiros a abrirem.

Próximo à Praça existe uma floricultura aberta durante o dia, mas seu diferencial é que ao entardecer, entre as 5 e 6 horas, se torna um espaço de lazer, homens se reúnem para jogar carta e tomar cerveja. Colocam uma mesa e algumas cadeiras e ali entre um jogo e outro gritam, riem e se divertem como se aquele espaço fosse privado. Nada tira a atenção daqueles que estão jogando nem as pessoas que passam, olham, comentam e seguem.

Às seis da tarde algumas lojas começam a fechar, e as ruas perdem o movimento. O comerciante José, 30 anos, relata que os comerciantes da área têm reclamado, pois o lucro já não é o mesmo e caiu nos últimos anos, isso se deve ao novo shopping construído na cidade, *“alguns clientes passaram a fazer compras à noite, porque o shopping está aberto esse horário e é um lugar seguro e bem cuidado”*.

Os frequentadores do centro de Campos reclamam dos roubos que acontecem frequentemente, o que faz do lugar uma área insegura, com pouco policiamento. Quando indaguei o Senhor José sobre a intencionalidade da revitalização, não se prolongou e disse: *“Querem transformar o centro numa Pelinca, que é muito mais bem cuidada”*. O bairro da Pelinca é considerado de classe média alta em Campos.

Por uma economia da cultura

Nos veículos de comunicação midiáticos como: o rádio, a TV, a internet, e o jornal local nota-se a presença de um discurso que valoriza as ações políticas culturais desenvolvidas na cidade de Campos dos Goytacazes/RJ. Neste caso, é relevante se atentar também para o envolvimento e apoio que o comércio local dá as ações políticas culturais do município. Na esfera política quando o assunto é a transformação do espaço urbano da cidade o discurso



aparece sempre vinculado a: “tradição”, “modernização”, “desenvolvimento econômico”, “patrimônio cultural” e “memória regional”. Para tanto, durante a exposição da problemática tratada recorro a relatos divulgados na imprensa local, isso não apenas pela influência dos veículos de comunicação na sociedade, mas se faz necessário uma breve análise dos discursos recorrentes sobre a cidade. Nesse sentido, Néstor Canclini (2002) chama atenção para a influência dos relatos apresentados na mídia ao legitimarem os lugares de pertencimento:

Os relatos mais influentes sobre o que significa a cidade emergem agora da imprensa, do rádio e da televisão. No tumulto heterogêneo e disperso de signos de identificação e referência, os meios não propõem tanto uma nova ordem, mas sim oferecem um espetáculo reconfortante. Mais do que estabelecer novos lugares de pertencimento e de identificação de raízes, o importante para as mídias é oferecer certa intensidade de experiências (CANCLINI, 2002:3).

O que se atenta nos discursos é a exaltação de um patrimônio cultural que afirma uma identidade local com a intenção de obterem vantagens econômicas ao investir no mercado turístico. Para tanto, apresento neste último tópico a ênfase dada ao discurso de memória e de como é colocado em prática, visto que estas ações vêm sendo exercidas e compartilhadas com atores de diversas esferas do poder com objetivo de fazer alterações no espaço urbano central, tido como histórico. E com propósito de incitar uma discussão sobre o que vem a ser a ‘nova economia’ e porquê de tal aposta em investimentos em um novo setor econômico, o turismo, que visa expandir os lucros comerciais locais.

A intenção de realizar a revitalização do centro histórico da cidade chama a atenção para pensar na importância do espaço urbano para os habitantes e os comerciantes. Por que conferir importância ao espaço ou lugar? Algumas áreas principais são reconhecidas pelos moradores como áreas tradicionais, ou seja, os lugares são portadores de uma memória⁶ que evidencia uma identidade.

⁶ Aqui, me aproprio da idéia de que os lugares são portadores de uma memória, como no texto: *Sistemas construídos e memória: social: Uma arqueologia urbana?* (VOGEL e MELLO, 1984) aonde os autores esclarecem que: “As cidades são verdadeiros sistemas de memória, sistema construído e relações que o animam - constituem uma unidade em tensão e em processo. Ao mesmo tempo, apresentam-se como uma espécie de arquivo de modo de viver que os concebeu e como agência produtora de novos modos de vida. Arquivo em permanente processo de atualização, portanto. Nele, os princípios, as idéias e as relações característica de uma determinada sociedade, além de se inscreverem materialmente, podem ser apreendidos de forma sintética”. p.6



O centro da cidade de Campos nos últimos anos vem passando por diversas transformações, a primeira etapa do macro projeto urbanístico foi inaugurada no dia 10 de maio de 2013. Os jornais locais anunciaram o evento como importante passo para a ‘modernização’ da cidade, visto que o projeto de revitalização do espaço central tem remodelado alguns pontos. Dessa maneira, a atividade turística, no momento, está sendo colocada em questão por causa do enfoque dado a uma ‘economia cultural’⁷ (YÚDICE, 2006) que se encontra em vigência no município. Assim, chamo atenção ao sentido conferido a *cultura*, que estrategicamente e de modo conveniente é utilizada como recurso a “iniciativas para promover a utilidade sociopolítica e econômica” (34:2006).

É válido pontuar que a revitalização do centro suscita alguns novos problemas aos envolvidos. “O comércio deverá seguir o novo padrão da regulamentação e normatização do Centro Histórico de Campos, que inclui a retirada de marquises e letreiros que agridam a paisagem urbana, recuperando o cenário histórico do local. A beleza arquitetônica dos prédios está escondida atrás dos letreiros. Segundo a nova regulamentação, os prédios não poderão ser envelopados ou escondidos por uma questão técnica, as lojas deverão evitar o gotejamento nas calçadas, a pintura deverá ser em tinta pastel, entre outras normas exigidas. O trabalho está sendo feito junto às lideranças da Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL), Cajorpa e Associação do Comércio e Indústria de Campos – explicou Orávio”⁸.

As normas impostas aos comerciantes parece se tratar de uma cartilha de regras com objetivo de tornar o centro mais atrativo a que vem de fora. Diversas obras já foram realizadas, a reforma da Praça Prudente de Moraes, conhecida como Chá Chá Chá, a reforma da rodoviária do centro, a restauração do Solar do Visconde de Araruama que hoje funciona o Museu Histórico de Campos, a revitalização do Canal Campos-Macaé, mais conhecido como Beira Valão, a recuperação do Monumento ao Expedicionário localizado na Praça São Salvador, a construção da Praça de Alimentação e a quadra de basquete sob a ponte Leonel de Moura Brizola. A prefeitura ainda promete outras obras que incluem: a reforma do Shopping Popular Michell Hadad e do Mercado Municipal, e a recuperação do chafariz belga da Praça Quatro Jornadas.

⁷ Termo desenvolvido por George Yudice Cf. *A Conveniência da Cultura* (2006)

⁸ http://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=18856



Mas, o que pensa a população sobre esse novo modelo de cidade imposta? Os habitantes se questionam sobre as intenções das obras, uns dizem que é uma maneira de garantir a próxima eleição, outros relatam que há um único interesse: o econômico, tornar a cidade atrativa para o mercado turístico.

Há uma preocupação estética, de forma que tentam organizar o espaço encobrendo fios e placas de propagandas, “De acordo com o presidente do Conselho de Preservação do Patrimônio Municipal (COPPAM), Orávio de Campos, o grupo de trabalho que trata das obras do Centro Histórico está realizando estudos, no sentido de retirar a poluição visual dos prédios localizados no perímetro do centro”⁹. O macro projeto urbano do centro está sendo imposto sem um diálogo com a sociedade, o receio agora é do que está por vir com a reforma do Camelódromo e do Mercado. No entanto, a hipótese de que este novo investimento no mercado turístico é uma maneira de se apegar a uma alternativa de desenvolvimento econômico no Município depois do fracasso do Porto do Açú que era visto como a chegada de um progresso econômico para toda a região Norte Fluminense não deve ser descartada.

No ano passado foi lançado um inventário turístico da cidade que está presente no novo portal turístico, o site possui informações sobre as atividades turísticas, essas iniciativas ressaltam os investimentos visando a intencionalidade de se desenvolver uma nova economia. É evidente o objetivo de tais ações quando a prefeita declarou a imprensa: “*Estamos oferecendo uma gestão mais moderna no turismo. As pessoas vão se surpreender. Vamos criar uma nova economia na nossa cidade, pois o turismo traz recursos*”¹⁰. Com isso, sem dúvida, se pode ligar o evento das obras do centro ao novo plano econômico cultural que tem objetivo de melhorar o espaço do centro da cidade e conseqüentemente aumentarem os lucros comerciais com o discurso de estar patrocinando a preservação do patrimônio cultural. Também fica evidente o apoio de alguns empresários, o presidente da Carjopa (Associação dos Comerciantes e Amigos da Rua João Pessoa e Adjacências), Eduardo Chacur que se pronunciou dizendo que “*a área central se tornará um shopping a céu aberto*”.

Os apontamentos tratados neste artigo ilustram a temática proposta: a problemática da revitalização do espaço urbano em Campos dos Goytacazes que vem se processando nos

⁹ http://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=18856

¹⁰ http://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=18786



últimos anos. Este evento envolve diversos atores – os comerciantes, os políticos e os habitantes, cada um com seus interesses específicos.

O macro projeto urbano em desenvolvimento, a todo vapor, tem um custo de quase 65 milhões¹¹ e ainda é apresentado pelos seus idealizadores como sendo um grande passo para o bem estar da população. Mas, para os habitantes há uma grande controvérsia, se tratando de problemas urbanos a pauta do funcionamento do transporte coletivo¹² há tempos é reivindicada pela população, os ônibus são em sua maioria sucateados e a longa espera no ponto de ônibus comprova a ineficácia do sistema. Isso mostra que os interesses da população e da política local são distintos no que diz respeito à revitalização do centro fica claro que quem impõe este tipo de proposta está zelando por um determinado interesse econômico, político e social.

Com tudo, a memória é a questão que permeia o projeto de revitalização presente no discurso de preservação do patrimônio cultural dos bens materiais presentes no espaço central da cidade em que é frequentemente usado para garantir a legitimação¹³ das obras, principalmente como justificativa de gastos públicos. Além disso, o espaço, dessa maneira, sofre alterações que nem sempre é pensada em seus usuários, como por exemplo, a Praça principal da cidade em que os habitantes não se identificam, há por trás dessa mudança um processo amplo que resulta em uma crise de identidade, nesse sentido Stuart Hall define a crise como um amplo processo:

A assim chamada “ crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2002:07)

Fica evidente na fala do presidente da Associação dos Comerciantes que o interesse dos comerciantes que apoiam a revitalização anseia por um novo espaço moderno de práticas econômicas. Não há em pauta uma preocupação em relação à identidade que certos pontos simbolizam para os habitantes. A questão chave se apresenta de forma que a identidade local

¹¹ http://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=24415

¹² <http://g1.globo.com/rj/norte-fluminense/noticia/2014/05/licitacao-do-transporte-publico-de-campos-rj-recebe-tres-propostas.html>

¹³ <http://portal.iff.edu.br/campus/campos-centro/noticias/revitalizacao-de-centro-historico-e-tema-de-palestra>



está sendo lentamente substituída por uma identidade moderna que transforma o caráter tradicional e oferece a realidade periférica uma modernidade atrasada.

REFERÊNCIAS

ASSIS, R. L. (2011). *As vulnerabilidades de uma carreira: os camelôs do terminal e a cidade de Campos dos Goytacazes como um espaço de luta por reconhecimento*. Dissertação de Mestrado em Sociologia Política. Universidade Estadual do Norte-Fluminense Darcy Ribeiro.

BECKERT, J. (1996) "What is Sociological of about Economic Sociology? Uncertainty and Embeddedness of Economic Action" en *Theory & Society*. Vol. 25, número 6, pp. 804–840.

CANCLINI, Néstor García (2002). *Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação*. OPINIÃO PÚBLICA, Campinas, Vol. VIII, nº1, pp.40-53

FREITAS, C. R. B. (2006). *O Mercado Municipal de Campos dos Goytacazes: A sedução persistente de uma instituição pública*. Dissertação de mestrado em Políticas Sociais. Universidade Estadual do Norte-Fluminense Darcy Ribeiro.

GEERTZ, Clifford (1989). Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, p. 13-41.

GONÇALVES, Marco Antonio (2000). "*Firth e os Tikopia. Da etnografia como experiência*". Novos Estudos. Cebrap. São Paulo.

HALL, Stuart (2002). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7 ed. Rio de Janeiro. DP&A

JACOBS, Jane (1973). *Muerte y vida de las grandes ciudades*. Madrid: Ediciones Península.

LAMEGO, A. (2007). *O homem e o brejo*. Rio de Janeiro: IBGE.

LECLAIR, E. (1976). *Teoria económica y antropología económica*. In: GODELIER, M. (org) *Antropología y Economía. ¿ES POSIBLE LA ANTROPOLOGÍA ECONÓMICA?* Barcelona: Editorial Anagrama.

MARGEM, Frederico Muylaert (2007). *O mapa da migração do capital do setor sucroalcooleiro para o setor de serviços em Campos dos Goytacazes*. Dissertação de mestrado em Engenharia de Produção. Universidade Estadual do Norte Fluminense. Fevereiro.

PARK, R. E. (1999). *La ciudad y otros ensayos de ecología urbana*. Barcelona: Ediciones del Sebal.



PIQUET, Rosélia, GIVISIEZ, Gustavo Henrique Naves, DE OLIVEIRA, Elzira Lúcia (2006). *A nova centralidade de Campos dos Goytacazes: o velho e o novo no contexto regional*. Revista Rio de Janeiro, n. 18-19, jan.-dez.

ROBERTSON, Roland (1999). *Globalização: teoria social e cultura global*. Petrópolis, RJ, Vozes.

SIMMEL, G. (2009). *As grandes cidades e a vida do espírito*. Coleção: Artigo Lusofia, Universidade da Beira Interior. Covilhã, Portugal.

SZTYTMAN, Renato (1998). Raymond Firth. *Nós, os Tikopias. Um estudo sociológico do parentesco na Polinésia primitiva*. Prefácio de Bronislaw Malinowski. Apresentação de Marcos Lanna. Edusp, São Paulo, 756 pp. Revista de Antropologia vol.41 n.2 São Paulo

VELHO, Gilberto (1978). "Observando o familiar". In: Nunes, E. (org) *A Aventura Sociológica*, Rio de Janeiro, Zahar.

VOGEL, A. e MELLO, M. A. da Silva (1981) *Quando a rua vira casa, a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*. Rio de Janeiro: IBAM / FINEP.

VOGEL, Arno e MELLO, M. Antônio da Silva (1984). *Sistemas construídos e memória: social: Uma arqueologia urbana?* Revista de Arqueologia, Belém, v.2, n.2, p.46-50.

YÚDICE, George (2006). *A Conveniência da Cultura: usos da cultura na era global*. Belo Horizonte: Editora UFMG.